



# VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

## **TRABALHANDO O CONTO POPULAR: A *PRINCESA QUE PERDEU O AZUL DOS OLHOS* NO CONTEXTO DA CULTURA ÍNDIGENA: PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO RELIGIOSO**

Theoguenides Odília de Medeiros<sup>1</sup>; Cícero Alves<sup>2</sup>; Orientador: Francisco Melquiades Falcão Leal<sup>3</sup>

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/PIBID/CAPES/Secretaria Municipal de Educação*

[theoguenidespibid@gmail.com](mailto:theoguenidespibid@gmail.com)

[ciceroalvespibid@gmail.com](mailto:ciceroalvespibid@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho tem por finalidade apresentar uma experiência realizada pelo projeto PIBID Ensino Religioso/ Ciências da Religião/UERN do Campus de Natal/RN, a qual foi desenvolvida na Escola Municipal Professor Bernardo Nascimento, na turma do 2º Ano do Ensino Fundamental I. Apresentamos uma proposta pedagógica a partir da leitura da história *A princesa que perdeu o azul dos olhos*, conto adaptado por Zeneide Silva, realizada em salas do Ensino Religioso. A discussão envolve a compreensão do conto indígena como explicação para a transformação dos seres e do mundo em que vivemos, abordando o respeito à natureza e aos animais. O objetivo é promover novas compreensões sobre o aspecto simbólico circunscrito ao mundo indígena. Os resultados indicam sugestões metodológicas para a prática da leitura literária em que o estudante interage com o lúdico e a criatividade em compor um repertório sobre a cultura indígena.

**Palavras - chave:** Letramento Literário no Ensino Religioso. Contos Populares da Cultura Indígena. Diversidade Cultural.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo tem por finalidade apresentar os resultados de uma ação pedagógica desenvolvida na *Escola Municipal Professor Bernardo Nascimento* a partir da leitura do Conto Popular *A princesa que perdeu o azul dos olhos*, na turma do 2º ano do fundamental I, pelo PIBID Ensino Religioso do Curso de Ciências da Religião/UERN do Campus de Natal/RN, como uma proposta de Letramento para as aulas do Ensino Religioso. Sabendo que a cultura indígena está presente em nosso cotidiano, através da herança linguística e cultural pelos nomes de alimentos e palavras que incorporam tradições, hábitos e crenças dos povos já existentes no Brasil, antes da colonização.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)

As tradições religiosas indígenas possuem diferentes crenças, com seus ritos, cantos, danças, símbolos, pinturas corporais e mitos dentro de suas maneiras particulares de celebrar os importantes momentos da vida e de expressar a religiosidade.

Nas práticas religiosas indígenas há ritos com entonação de cantos, uso de instrumentos musicais, danças e bebidas preparadas com milho ou mandioca fermentada, entre outras substâncias. Também fazem uso de remédios preparados com ervas, quando alguém adocece.

Nas tradições indígenas, os xamãs passam por rituais de iniciação no contato com o mundo dos espíritos por meio de prolongados tabus alimentares, isolamento na floresta ou na montanha e ingestão de bebidas específicas. Eles são considerados como guardiões da sabedoria dos antepassados, a qual é transmitida oralmente por meio de histórias simbólicas, os mitos. A criação do mundo, a origem da nação indígena, por exemplo, é explicada por meio do mito. Os mais velhos buscam preservar as suas memórias para relembrar os acontecimentos e ensinamentos dos antepassados de várias gerações.

A metodologia do Ensino Religioso visa integrar teoria e prática na formação do professor, pois aponta para a prática pedagógica que contempla os estudos das culturas religiosas, dos mitos, símbolos, da diversidade e também as questões relativas aos processos avaliativos. É também função da Metodologia do Ensino Religioso provocar a apropriação não só de discursos, mas também de conceitos, não se baseando apenas no senso comum. (PCNER, 2010)

O trabalho relatado neste artigo foi desenvolvido para contemplar o novo olhar do Ensino Religioso na sala de aula sob algumas expectativas de aprendizagem, atualmente percebe-se claramente como o Ensino Religioso passou por inúmeros avanços, inclusive ganhando o título de área de conhecimento, componente curricular, estando disponível a humanidade.

### **O Conto Popular no Ensino Religioso**

O Conto Popular é um relato oral e tradicional de contornos verossímeis e também ocorrendo dentro do maravilhoso e do sobrenatural. Pode mencionar fatos possíveis, como também referir-se a animais dotados de qualidades humanas e episódios com abstração histórico-geográfica.



O conto é de importância capital como expressão da psicologia coletiva no quadro da literatura oral de um país. As suas diversas modalidades, os processos de transmissão, adaptação, narração, os auxílios da mímica, entonação, o nível intelectual do auditório, sua reação e projeção, determinam o valor supremo como um dos mais expressivos índices intelectuais populares. O conto ainda documenta a sobrevivência, o registro de usos, costumes e fórmulas jurídicas esquecidas no tempo. A moral de uma época distante continua imóvel no conto que ouvimos nos nossos dias.

Algumas classificações dos contos populares:

- Aarne-Thompson divide-os em três grandes grupos: contos de animais, histórias populares, gracejos e anedotas.
- Luís da Câmara Cascudo classifica-os em: contos de encantamento, contos de exemplo, fábulas, contos religiosos, contos de adivinhação, anedotas, causos.
- Nelly Novaes Coelho distribui-os em: contos maravilhosos e contos de fadas, lendas e mitos, fábulas, contos contemporâneos.

Assim, de acordo com Nelly Novaes Coelho (2000), define-se o conto como o registro de um momento significativo na vida da personagem.

Nesse sentido, esses autores entendem que além de fomentar explicações sobre o conto popular, o conto serve também para justificar o modo de vida de um povo, como foi trabalhado no conto indígena escolhido.

Para ampliar a discussão sobre a compreensão do conto *A princesa que perdeu o azul dos olhos*, trabalhamos ainda com a percepção do letramento literário, que indica a elaboração de uma proposta metodológica em que a leitura se faz presente no cotidiano da sala de aula.

## Metodologia

O conto trabalhado em sala de aula, dentro da proposta que elaboramos, foi apresentado através de uma narrativa que expõe a cultura indígena, revelando um povo que contribuiu grandemente para a construção da história da humanidade. Além disso, a proposta de utilização das narrativas de contos indígenas pretende ser uma contribuição para o resgate das diferenças com que se constrói a identidade brasileira, contemplando um dos Eixos Temáticos do Ensino Religioso – O Eixo Textos Sagrados – propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso FONAPER, 2007)



Esse trabalho leva o professor do Ensino Religioso a refletir sobre a tarefa de ensinar, conciliando o fazer pedagógico com o saber literário, sabendo que leitura e a escrita precisam estar alinhadas e caminharem juntas para se aprimorar o letramento literário.

A metodologia utilizada no trabalho foi realizada em curto prazo, fazendo com que o tema abordado fosse vivenciado através de um princípio pedagógico, amparado na abordagem da cultura indígena, na reflexão do legado deixado pelos índios para nosso povo e das informações dadas sobre alguns objetos usados durante as aulas, porque acreditamos que é possível trabalhar o saber literário através de aulas práticas com leituras e produções textuais dos alunos. O trabalho foi desenvolvido em torno de cinco aulas de uma hora apenas, os alunos desenvolveram atividades com o conto trabalhado e tiveram a possibilidade de construir seus próprios conceitos sobre o tema abordado como também seus questionamentos sobre a cultura indígena trabalhada.

Seguem alguns passos para a introdução e desenvolvimento do assunto conto populares na sala de aula, após uma conversa com os alunos para um conhecimento prévio sobre o assunto, trouxemos a sala um livro muito bem ilustrado com o conto *A princesa que perdeu o azul dos olhos*, uma adaptação de Zeneide Silva (2012). Inicialmente foi feita a contação do conto oralmente e, em seguida, feita a interpretação com o grupo. Por fim, as crianças fizeram uma releitura através de desenhos no caderno, no sentido de produzir um entendimento pessoal sobre o conteúdo lido.

A primeira aula foi para conversarmos sobre o conto, seu conceito e o porquê trabalhar um conto indígena. Nesse contexto, a temática indígena foi ampliada, pois o bairro onde a Escola Municipal prof<sup>o</sup> Bernardo Nascimento localiza-se se chama Felipe Camarão. Este foi um índio brasileiro da tribo potiguar, nascido no início do século XVII em Raposa, vale do Baquipe, (Ceará Mirim), na então Capitania do Rio Grande (hoje, o Estado do Rio Grande do Norte). Tinha, como nome de nascença, *Poty* ou *Potiguaçu*, nomes tupis que significam, respectivamente, *camarão* e *camarão grande*. Ao ser batizado e convertido ao catolicismo em 1614, recebeu o nome de Antônio e adotou o "*Filipe Camarão*" em homenagem ao soberano dom Filipe II (1598-1621).

Educado pelos jesuítas, era ele, segundo frei Manuel Calado "[...] destro em ler e escrever e com algum princípio de latim", considerava de suma importância à correção gramatical e a pronúncia do português,

[...] era tão exagerado em suas coisas, que, quando fala com pessoas principais, o fazia por intérprete (posto que falava bem o



português) dizendo que fazia isto porque, falando em português, podia cair em algum erro no pronunciar as palavras por ser índio.

O Palácio Filipe Camarão, sede da prefeitura de Natal, e um bairro da mesma cidade, homenageiam o seu nome. Da mesma forma, o Exército Brasileiro situado no capital do RN denomina a Sétima Brigada de Infantaria Motorizada como Brigada Filipe Camarão.

Em 6 de agosto de 2012, a Lei Federal 12 701, reconhecendo sua importância na história do Brasil, determinou que o nome de Antônio Filipe Camarão fosse inscrito no *Livro de Heróis da Pátria* (conhecido como *Livro de Aço*), depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, um cenotáfio que homenageia os heróis nacionais localizado na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

Feitas essas explicações, a seguir, exploramos o lema da aldeia abordado dentro da narrativa do conto comparando o lema da bandeira do Brasil com o lema da aldeia da narrativa de Zeneide Silva (2012), para as crianças desenvolverem melhor uma compreensão mais aprofundada da narrativa. Como culminância do projeto, foi construído um cocar indígena com quatro penas amarelas que representa a força e o poder da aldeia. Os alunos do 2º ano se encantaram com o conto e com a princesa Guabiyú, havendo a necessidade de uma atividade reproduzida com a imagem da capa do livro para ilustração livre deles, como também uma cruzada indígena que foi explorada todo o conteúdo abordado.

## Resultados e Discussão

De acordo com Cosson (2012), a leitura em sala de aula não pode prescindir de uma metodologia dinâmica e sim de produções textuais construídas através de releituras com desenhos feitos pelas crianças da história desenvolvida e narrada, isso nos serviu para nos mostrar que essa forma de escrita tem o seu valor cultural e que jamais pode ser desprezada pelo professor.

Desse modo, os resultados principais das ações desenvolvidas com a introdução da leitura do conto *A princesa que perdeu o azul dos olhos* foram:

1. Compreensão dos sistemas de crenças do mundo indígena existente na narrativa
2. Compreensão das ações da personagem central que passou através da história narrada a harmonia que existia

entre ela, os animais e a natureza. As crianças puderam perceber todo o encantamento que a história passava com relação ao respeito ao próximo, aos animais e a natureza.

3. Ações interativas com a linguagem literária. O texto lido foi também motivo para o acesso aos modos específicos da linguagem literária e a construção do mundo da ficção que também relaciona uma compreensão da realidade da cultura indígena que foi traduzida na forma de desenhos e de comentários realizados no contexto da sala de aula.

### **Conclusão**

O Subprojeto Letramento literário no contexto do gênero contos populares na sala de aula do Ensino Religioso – PIBID – Ciências da Religião/ UERN é uma proposta que veio para auxiliar aos futuros professores na área do Ensino Religioso a desenvolverem ações pedagógicas em sala de aula sob a orientação de um professor experiente e graduado na área, situação que não existia há algumas décadas atrás.

Além de um fazer pedagógico diferente, este trabalho nos oportunizou o entendimento da importância de um conto popular na vida das pessoas, de nós mesmos, enquanto docente bolsista do Projeto Pibid, como também dos alunos. Bem como a vivenciar uma literatura simples e cheia de intencionalidade sagrada. Remetendo-nos a refletir sobre nossas vidas, nosso cotidiano, nossos valores e nosso mundo.

Observamos que, com essa metodologia, desenvolvemos no educando o ensino aprendizagem que envolve outras disciplinas e, assim, o interagir foi de forma positiva, pois, houve uma superação de preconceitos, valorização de identidade, instrumento de motivação para o encantamento do conto indígena.

Trabalhar a cultura indígena na sala de aula do Ensino Religioso nos levou a resgatar alguns valores ensinados pela família como o respeito e o amor ao próximo que ficou muito explícito dentro do conto vivenciado pelo povo da aldeia de Guabiyú.

É importante salientar que esse conto poderá ser trabalhado do 1º ao 9º ano do Fundamental, abordando diferentes aspectos como as matrizes religiosas, o feitiço da rosa azul, os rituais indígenas, nomes indígenas, tipos de aldeias em diferentes estados brasileiros, fazendo a comparação de outros contos indígenas para se observar as semelhanças e diferenças, e muitas outras coisas, sabendo que sempre dentro da realidade da escola e dos alunos.

## Referências

- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.
- ELCIO, Cecchetti. ADECIR, Pozzer. (organizadores). **Educação e diversidade cultural, tensões, desafios e perspectivas**. Blumenau: Edifurb, 2014.
- FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO – FONAPER - **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso**. 2ª Edição, São Paulo: Mundo Mirim, 2010.
- JUNQUEIRA, Renata. TAGLIARI, L. Berta. (organizadoras). **Leitura Literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento** - Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- MEGALE, B. Nilza. **Folclore Brasileiro** – Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Filipe\\_Camar%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Filipe_Camar%C3%A3o) acessado em outubro de 2016.
- SILVA, Zeneide. **A princesa que perdeu o azul dos olhos**; ilustrações: Rafael Silva – Recife: Prazer de Ler, 2012.

**Anexo 1 – Compilação do Conto: *A Princesa que perdeu o azul dos olhos***, de Zeneide Silva.

A princesa Guabiyú, aos quinze anos, era alta e esbelta como os juncos nascidos nas margens da Lagoa Grande. Tinha os cabelos soltos e compridos, e seus olhos eram azuis como o céu do outono. Seu pai, o cacique Mburu- bichá, o forte, e sua mãe Uru-pilá, a pomba, lhe haviam dado, no dia em que nasceu, o nome de Guabiyú, que quer dizer árvore de frutas doces. A princesinha, além dos ternos olhos azuis, tinha um coração meigo como se fosse um fruto feito de mel.

Para aproximar-se de tão delicada e bondosa criatura e para contemplar seus olhos da cor do céu, vinham, de todos os lugares, animaizinhos, das mais variadas espécies, da terra e do ar, a fim também de ficarem perto da princesa.

Guabiyú vivia contente, rodeada de seus amigos. Aprendeu a linguagem dos bichos e conhecia um a um por seu nome. Foi assim que a princesa soube que a corça vivia triste, pois os seus chifres não cresciam, ao passo que os do cervo, seu marido, alcançavam muito mais de dois palmos de comprimento.



Soube que o sapo Cururu não podia vestir-se a não ser com a cor da terra úmida e coaxava com uma voz grossa e rouca, enquanto sua prima, a rã Lu-i, exibia lindos vestidos verdes e possuía uma campainha de cristal na garganta.

Soube também que Uru-tatá, o cardeal, estava cansado de se vestir sempre de vivas cores, e também que Anhambaracá, a cigarra, andava muito aborrecida por ser conhecida apenas como uma caixinha de música.

Só aborrecia Guabiyú saber que Carumbé, a tartaruga, cuja casca parece uma gamela, morria de inveja por ver o bando de borboletas voando sobre a cabeça da princesa, formando, ao redor dela, uma nuvem multicolorida e brilhante...

Mas vivia feliz a princesa dos olhos azuis, cercada de seus amiguinhos que todas as tardes vinham sentar-se ao seu redor, para que ela dirigisse, a cada um, seu lindo e demorado olhar. Só depois voltavam às suas casas, levando no coração a luz celestial daqueles olhos.

Numa tarde em a princesa havia deitado à beira do rio para dormir, notou, mirando-se no espelho das águas, que havia desaparecido de seus olhos a bela cor azul. Eles estavam pálidos, quase tão brancos como as penas da garça Ururati. Guabiyú chorou amargamente e suas lágrimas já não eram azuis: estavam descoloridas e frias como as gotas do orvalho.

Junto à princesinha, choravam todos os seus amigos. Seu pai, o cacique Mburu-bichá, o chefe, e sua mãe Uru-pilá, a pomba, choravam também. Mburu-bichá e Uru-pilá ficaram aflitos e comunicaram a todos o acontecido. Prometeram, então, a mão da princesa e um enfeite com penas amarelas, sinal do poder e da força para a ladeia, para aquele que encontrasse o azul dos olhos dela.

Todos os animais do céu e da terra se mobilizaram para achar o azul dos olhos da princesa. Por cinco dias e cinco noites estiveram nessa tarefa, retornando ao final deste tempo, cada um com o que acreditava ser a solução para o problema da princesa que perdera o azul dos olhos.

A corça Guazu-birá, ao retornar, trouxe consigo uma finíssima rede de seda, de um claro azul transparente, tecida pela sua amiga aranha. Pôs a rede nas mãos da princesa, que a olhou durante algum tempo, mas os seus olhos continuaram tão claros como estavam.

O sapo Cururu trouxe na boca quatro brilhantes de lindíssimo azul, presente de seu amigo Azuru, o pântano.

Cururu colocou as quatro pedras nas mãos da princesinha, que as contemplou durante muito tempo em silêncio, mas seus olhos continuaram sem cor.



A rãzinha Lu-i voltou e colocou, entre as mãos da princesa, cinco estrelinhas azuis e brilhantes como gotas de fogo, que o vaga-lume Cocuíó lhe dera. A princesa contemplou longamente aquelas estrelas, sem nada dizer, mas seus olhos não mudaram de cor.

Uru-tatá, o cardeal, trouxe pequeninas penas azuis que, sob a luz noturna, pareciam feitas com tênues fios de luar. Quem as dera a ele fora o Guanumbi, o beija-flor. Uru-tatá colocou as peninhas azuis nas mãos da princesa, que se pôs a olhá-las, em completo silêncio, até que as deixou cair no chão. Seus olhos, porém, não readquiriram a cor azul.

Carumbé, a tartaruga, apareceu junto de Guabiyú, deixando a seus pés a mais azul de todas as flores azuis que há na terra. Recebera-a de seu compadre Teiú, o lagarto. A princesa pôs-se a olhar longamente aquelas mimosas flores, que mais pareciam pedacinhos do céu. Mas seus olhos continuavam sem cor e inexpressivos.

Durante a noite, aproveitando o sono da princesa, todos os seus amigos se encaminharam para a margem do rio, onde viram um pescador, há tempos enamorado da princesinha. Tinha ele também quinze anos e seus olhos e cabelos eram mais negros do que as penas da graúna, e seu corpo era da cor do cobre e brilhava ao sol com reflexos de ouro. Por ter o corpo assim tão reluzente, deram-lhe o nome de Ará-berá, o relâmpago.

Todos os pássaros dos montes acompanhavam sempre Ará-berá, mirando-se no seu corpo, como um espelho. O pescador compreendia seus cantos e vozes e os chamava pelos seus nomes. Quando o jovem soube que ninguém conseguia encontrar a cor dos olhos da princesa, sentou-se à margem do rio e ali ficou, muito triste e choroso.

Mas a tartaruga Carumbé saiu das águas e lhe contou que descobrira, no fundo do rio, uma flor maravilhosa, com pétalas de um azul tão suave e puro, que as águas em redor se haviam tingido da mesma cor. Inclinou-se sobre o rio o pescador e, olhando atentamente, conseguiu ver a preciosa flor, que tinha roubado o azul dos olhos da princesa enquanto ela dormia.

Ará-berá lançou então a rede. Uma, duas, dez vezes, bem ao fundo, mas a flor conseguia passar por entre as malhas, escondendo-se nas areias do leito.

Desanimado, o pescador tornou a sentar-se tristemente à margem, sem saber o que fazer. Apareceu-lhe, porém, a rãzinha verde, que sabia de tudo o que se passava naqueles lugares...

A rãzinha disse ao pescador que só ele poderia apanhar a flor azul no fundo do rio e ainda deveria se resignar a morrer por amor á princesinha.



Ouvindo essa revelação, Ará-berá atirou-se na água, dando um profundo mergulho. Passou-se algum tempo e ele não veio à tona... todos os pássaros começaram a voar e a chorar por cima do rio, descrevendo, no ar, grandes círculos coloridos.

Quando a princesa Guabiyú soube do que acontecera, veio também sentar-se á beira do rio, em cujo fundo se via o pobre Ará-berá estendido com a flor azul na mão. O corpo do jovem pescador havia perdido sua cor-de-cobre polido e estava tão pálido como os olhos da princesa naquele momento.

Guabiyú quis lançar a rede, e os pássaros vieram ajuda-la. Quando puxaram a rede, nela veio o corpo do pescador, com a preciosa flor entre as mãos.

A princesinha começou a chorar amargamente. Quando suas lágrimas caíram sobre a flor, a cor azul fugiu de suas pétalas e, à medida que iam embranquecendo, os olhos da menina iam tornando-se azuis.

Enquanto isso acontecia, o pálido corpo do pescador foi também readquirindo a sua brilhante cor-de-cobre, e os pássaros vieram mirar-se nele como num espelho.

Foi nesse instante que o jovem despertou. Vendo a seu lado a princesinha, a olhá-lo embevecida, com os seus lindos olhos da cor-do-céu, ficou muito alegre e, tomando-lhe o braço, levou-a para junto de seus pais, Mburu-bichá e Uru-pilá.

Seguiram acompanhados de todos os seus amigos, do céu e da terra, da nuvem colorida dos pássaros e da nuvem colorida das borboletas.

Somente ficou à beira do rio a tartaruga, que estava muito zangada e queria arrancar à flor retirada do rio todas as suas já descoloridas pétalas, uma a uma.

Os pais da princesinha cederam a mão da filha em casamento ao jovem pescador e colocaram na frente de Ará-berá as quatro penas amarelas, o sinal da força e do poder.

A princesa Guabiyú e seu esposo, o pescador, foram muito felizes e jamais esqueceram seus amiguinhos do céu e da terra.